

"pre
sem
garrafa"
va
m!
Louco".
na atrás

tando.

ete



uo
e
prego



no Rio de Janeiro e elas iam morar em Ipanema.
— Lá tem mar! — me diziam. — Você pode nos visitar!

— Nós vamos escrever cartas e nos corresponder!
No fundo, eu sabia que diziam isso só para me animar. Ficaram tão chateadas quanto eu. Não estava nem um pouco interessada em trocar minhas amigas por nenhum mar deste mundo.

Mas não revei jeito. Dali a uma semana elas foram embora.

Foi assim que eu fiquei sendo a única menina da turma da rua.

Comencei a perceber umas coisas estranhas: os meninos, que antes me convidavam para todas as brincadeiras, começaram a me deixar de fora:

— Você não pode entrar no jogo porque enfraquece o time.

— O passeio de bicicleta é muito puxado pra menina.



piracemas, sacia:



Figura 9: Páginas Ilustradas in: "O louco do meu bairro"

Ilustrador: Mia (1996)

O Louco do meu bairro
FLORA, Ana

Suando eu era pequena, morava num bairro só de casas. O lugar era muito calmo e podíamos brincar na rua. A turma do quarteirão era composta por dez crianças, sete meninos e três meninas: eu e duas gêmeas minhas vizinhas. Mas havia uma coisa que era mais legal que qualquer brincadeira fugir do guardinha louco. Porque o bairro, assim como tinha quitandeiro, o homem do ferro velho, o bananeiro de caminhão, tinha também seu louco. Era um moço de uns quinze anos usava sempre uma camisa roxa, sapatos vulcabraz com um pé sem cordão, óculos de lentes grossas tipo fundo de garrafa e um apito no pescoço com o qual ele comandava o tráfego. Só que a rua não tinha trânsito nenhum! Por isso nós o chamávamos de “*guardinha louco*”. Suando surgia na esquina, todo mundo corria atrás gritando: *guar-di-nha lou-co! guar-di-nha lou-co!* Ele ficava uma fúria e vinha atrás de nós apitando. O pessoal corria em disparada e ia se esconder na casa do Vadico. Olhávamos pelo muro e lá ia ele embora, apitando ao léu, gesticulando muito e falando sozinho: - o senhor vai ser multado. Aqui não pode estacionar. Não aceito gorjeta. Vamos circular... Até que era um doido manso... Fora essas corridas, não faziam mal nenhum.

E assim ia o bairro nós brincando e o louco apitando. Foi quando aconteceu uma coisa que acelerou o ritmo dos acontecimentos, as gêmeas se mudaram para o Rio de Janeiro, e eu fiquei sendo a única menina da turma da rua. Foi aí que, os meninos começaram a me deixar de fora das brincadeiras. – você não pode entrar no jogo porque enfraquece o time. O passeio de bicicleta é muito puxado para menina. A coisa estourou mesmo, no campeonato de estilingue, no ano passado eu tinha sido campeã e esse ano não me deixaram participar. Fiquei pensando que ninguém mais era meu amigo. Foi aí que o louco apareceu sentou ao meu lado. Estava tão chateada que não fiquei com medo. Para espanto meu ele se virou e disse. Você esta triste porque os meninos estão sempre te pondo para fora não é? Admirada perguntei: - como você sabe? – ora, falou ele, sou louco, mas não sou bobo.. Percebo quando as coisas estão acontecendo. Desde que aquelas duas foram embora, eu passo pela rua e quase não vejo você... Nem correndo de mim na hora do apito, está mais. - Suanto ao campeonato deixa eles competirem. Depois você desafia o campeão pra uma estilingada amistosa. Nessa altura da conversa os meninos apareceram e começaram a gritar. – *Há, bá, bá* é amiga do louco! *Há, bá, bá, bá!* Fiquei louca da vida e respondi. Prefiro ser amiga dele à de vocês! Eles começaram a gritar: *Guar-di-nha...* Dessa vez eu saí junto com o doido correndo atrás deles.

No dia seguinte ia voltando da escola, vi o maluco em cima do muro, comendo umas goiabinhas. – olá! Ontem esqueci de perguntar seu nome. Sô Pedro, mas pode me chamar de guardinha – e apitou em seguida. – onde você conseguiu esse apito? – perguntei. – no hospício – respondeu – Lá encontrei cinco internos eram guardas feito eu. Só que nessa época eu só assoviava, não tinha apito eles me deram esse de presente. Pulou do muro sentou do meu lado ofereceu uma goiabinha para mim (por sinal bichada). – você fica muito tempo internado? – não só quando os homens de branco me acham na rua. Daí eles me levam embora. – Onde você mora? Em vez de responder, ele foi para o meio da rua e ajudou um cego atravessar. – obrigada seu guarda disse o cego sem ver o louco. Sempre quando eu chegava da escola encontrava o Pedro pendurado em algum lugar. Na semana passada ele estava em cima do poste de luz. Outro dia no ipê-roxo, em frente à casa do italiano. No dia seguinte lá estava ele com um pedaço de pano branco amarrado num pãozinho feito uma bandeira. O que é? Perguntei Juiz de futebol? Não, to pedindo trégua pro bairro para ninguém me perseguir mais....

No dia do campeonato cheguei ao campinho junto com o Pedro. Todo mundo se espantou. Mas ninguém saiu gritando guardinha louco. Zé Miguel venceu o concurso assim que recebeu o prêmio Pedro me disse. – vai lá é agora! Atravessei o campinho

cumprimentei o Zé Miguel e falei você quer competir comigo? Ele deu uma gargalhada. Você é menina... Menina não pode participar, mas o campeonato já acabou. Estou propondo um desafio entre nós dois. Passou um tempinho, fomos nós dois para o meio de campo. A turma fez um semicírculo. Todos na maior expectativa. Nos quinze primeiros minutos ele já estava três pontos na minha frente. Eu dizia pra mim mesma o que eu quero é continuar na turma, e não ganhar do Zé Miguel. Depois de cinco minutos eu já estava empatada, mais um pouco e eu vencia de cinco a três. Só o Pedro batia palmas. Suando faltava pouco para acabar eu já estava com sete na frente. Cheguei para o Zé Miguel e falei chega eu não quero mais. Até o Pedro ficou chocado. Depois desse dia, nenhum menino mais teve coragem de dizer isso não é coisa pra mulher. Eles voltaram até brincar de boneca comigo.

Eu continuava mais amiga do que nunca do Pedro. Mas os meninos não o aceitavam. – ele é louco demais pro meu gosto, falava Vadico, - só é divertido fugir dele – reforçava Vicente. Eu não sei como começar conversar com ele dizia Murilo. Até que um dia estávamos jogando vôlei na rua. O guardinha assistia enquanto conversava com um gato que ele tinha achado. Tudo corria normalmente até a bola cair no quintal da Alemãzona, nós a detestávamos ela não devolvia nada que caía na sua casa. O Pedro se aproximou e disse eu posso ajudar vocês. Eu posso disfarçar de vendedor de enciclopédia... Combinamos que nos encontraria naquela mesma hora no dia seguinte para fantasiar o guardinha. Assim foi feito. Nestor apareceu com um terno do pai, de tergal brilhante verde fosforescente, eu levei uma gravata vermelha com bolinas azuis e o Mané trouxe uma pastinha 007, meio velha. O louco ficou tão gozado que até tive pena. Minha senhora ele falou meio entrando na sala – sou Benevades Beleleu, estou aqui para servi-la, vender saber e alegria. Tudo ia bem até ele pedir uma bola para mostrar algo da enciclopédia. Suando voltou a alemãzona trazia a bola nas mãos. Pedro a tomou rapidamente e disse: eu não sou vendedor de enciclopédia coisa nenhuma, sou amigo desses moleques que jogaram a bola na sua casa! Mas então você é... O guardinha louco. E fico mais doidão ainda na frente de velhas pirracentas, sabia? A alemã estava com medo, mas reagiu tentou tomar a bola dele, mas Pedro jogou a bola pela janela. Ela jogou a enciclopédia na cara do guardinha, espatifando seus óculos de lentes grossas. Pedro ficou tateando na sala sem enxergar nada. Não tivemos dúvida; pulamos o muro, amordaçamos a alemã, a gente só solta se senhora devolver tudo que cair no seu quintal! Ela fez que sim com a cabeça e nós a libertamos. – por favor, tirem esse louco daqui ela pediu tremendo. Vamos todos nos retirarem. Só tem uma coisinha. A senhora não vai contar nada do que aconteceu aqui.

Sáímos felizes, com a vitória jogando a bola pro ar. E pro Pedro nada? Tudo! – gritamos em coro. – e como é que é? *Pe-dro! Pe-dro!* Ele ficou comovido e começou a dançar, dançamos juntos com ele. Até que alguém se lembrou: Pedro ficou sem óculos. A turma toda fez uma vaquinha com a mesada e nós compramos óculos novos para ele. Pedro ficou tão agradecido que até chorou, mas nos olhando divertido comentou. – eu me sinto feliz por pertencer essa turma, mas quero continuar correndo atrás de vocês! Não esperem segunda ordem: - *Guar-di- nha Lou-co! Guar-di- nha Lou-co!* E saímos em disparada pela rua. Tem um detalhe; o guardinha louco foi meu primeiro namorado. Mas isso fica para uma outra história.

OBRA: "O louco do meu bairro"

Autor: FLORA, Anna

Ilustrador : Mia

Local: São Paulo Editora: Ática Data: 1996

A – CARACTERIZAÇÃO DA HISTÓRIA

1. Enunciador: narr. interno / 2. Trama: cotidiana / 3 Narrativa: realista
4. Discurso: específico / 5. diferença como modulo temático: deficiência mental
6. situação inicial: equilíbrio

B - CARACTERIZAÇÃO DE PERSONAGENS

1. localização na constelação: personagem secundário
2. Universo constitucional: jovem com deficiência mental
3. sentimentos: espírito crítico, alegria, utilização do potencial
4. Ações: aproximação, batalha, criatividade.
5. nome: sim (próprio)

C - CAMPOS DE ATRIBUIÇÕES DOS FENÔMENOS CORRELACIONADOS

- 1- Diferença como:
 - 1- maléfica
 - humilhação
 - submissão
 - 2- benéfica
 - gratificação social
2. Etiologia: indefinida
3. Desfecho : exotismo

Suadro 11: Indicadores "O louco do meu bairro"

Fonte: Elaborado pelo autor

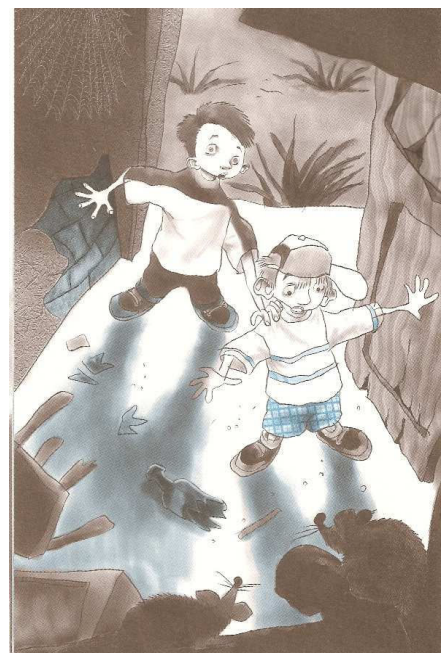


Figura 10: Páginas ilustradas in: "Aventura no escuro"
Ilustrador: Rogério Soud (1999)

Tudo começou quando Rafa viu na TV que cachorros vêem tudo em preto e branco, muito preocupado com a forma que sua cachorra Frida vê o mundo quis saber mais sobre o assunto. Seu pai lhe disse. Não se preocupe, os cães sempre enxergaram desse jeito não sente falta. Em matéria de enxergar você vai aprender um bocado essa semana. Sabe quem vem passar alguns dias aqui em casa? Seu primo Leandro. – O ceguinho? - Deficiente visual filho. – Mas será que Leandro vai me reconhecer? Ele não me vê, faz tempo. Aliás, ele nunca me viu! E nem nunca vai me ver! Ai meu Deus, como é que a gente brinca com alguém que não enxerga? - Calma Rafa deficiência física limita a pessoa, mas não acaba com a vida dela. Sempre tem um jeito de vencer esse tipo de problema. Eu vou te dar uns toques de como agir com ele, para que vocês possam brincar juntos numa boa. E depois vai dormir porque ele chega logo cedo. Dormir? Com tantas coisas para pensar. Imagina que Frida não liga de não enxergar colorido... E o primo Leandro? Como pode reconhecer alguém pelo tato, pela voz, até o cheiro, como o pai falou? E como vive sem TV, sem ver vídeo games, sem ver livros e gibis... Sem ver??? Na noite do dia seguinte Rafa já estava bem à vontade com o Primo. Fizeram um passeio pela casa, fazendo um reconhecimento do lugar. Leandro foi identificando a posição dos móveis, das portas da direção de cada cômodo... Brincar não foi nada problemático: Deu para jogar dominó, dama, até para montar quebra cabeça. Não há diferença na imaginação dos dois e viver aventuras com miniaturas dos heróis da TV que todos reconheciam com as mãos, mas ninguém tão rápido como Leandro – foi para lá de divertido. Ouviram música e histórias narradas em disco fitas e CD... Ah! E os livros em braile do primo? com os dedos ele ia traduzindo os pontinhos em voz alta. Até prometeu ensinar a linguagem de braile, para que os dois pudessem trocar carta futuramente.

O Rafa até que se saiu um bom guia, o máximo que tinha que fazer era avisar quando, surgiram degraus, buracos, móveis objetos ou coisas do gênero... De vez em quando ele se atrasava em passar informações, mas Leandro acostumado a outros guias ainda fazia piada: - opa não vi o degrau... Suem foi que foi que apagou a luz? Pregava uma peça atrás da outra: dava trombada de propósito com o Rafa e perguntava se ele não enxergava por onde andava, lia gibi de ponta cabeça; penteava se em frente ao espelho e se vangloriava do visual, com pinta de galã...

No dia seguinte saíram pelo bairro guiado por Frida foram parar em um lugar desconhecido e abandonado.

Se você visse o que eu to vendo... Parece cenário de filme de terror. Um terreno abandonado grama alta... Um velho galpão de janelas quebradas. – Hum.. Pela discricção parece armazém ou depósito abandonado. É de dar calafrio. Fuçaram tudo. Andaram por todo o subterrâneo, Tateando no quase escuro. O quase era representado pela única luz que restava: A da porta onde terminara a escada por onde descera. Estava justamente pensando nisso quando,... Bam! ... E o breu total. – que isso? Lê to cego também! To cego também! Socorro! - Cego, mas como? – fez um barulhão eu to com os olhos abertos, mas não enxergo nada! – então foi à porta batendo! Ta cego coisa nenhuma.... Ta é tudo escuro. Ufá é mesmo só pode ser, mas como vamos sair daqui. O... Coloque a mão no meu ombro eu to mais acostumado à escuridão, deixe que eu guie a gente, vem por aqui. Pise devagar, experimente o chão. Estique a outra mão, vai sentido o que tem na frente, dos lados. - Sue isso, um robô congelado??? Ponha a mão, Leandro. Tem cabeça, nariz, boca, olhos, tudo... Será um cadáver embalsamado? Ta em cima de alguma coisa fria... Mármore... TÚMULO! É UM TÚMULO... Teve que esperar pela resposta, pois Leandro não conseguia parar de rir. O ombro dele pulava de tanto que ele ria. É uma estatua, meu. E está em cima de um pedestal de mármore... Foi bom, você ter achado o figurão ai, porque me lembro que tinha uma estatua bem a esquerda da porta, que, portanto está aqui. Rafa já estava abraçando o primo pulando e gritando de alegria.